



Ateliê de História

Palavras - chave:

Prudentópolis; Ucrânianos;
Colonização. Imigração.

Resumo: Em fins do século XIX e início do século XX, o Brasil, devido a alguns fatores internos, autorizou a vinda e a permanência de estrangeiros, estimulando a propaganda na Europa. Esse incentivo, aliado aos problemas econômicos, sociais e políticos que o Velho Continente apresentava nesse período, promoveu uma debandada de migrantes em busca de uma vida melhor. Dessa forma, os imigrantes que aceitaram lançar-se além-mar para colonizar o Brasil eram, na maioria das vezes, pessoas que sofriam muito e que, através da publicidade aplicada na Europa, acreditavam que a vinda para um local novo poderia trazer uma vida menos sofrida e mais próspera. Uma das primeiras levas de imigrantes ucranianos, vinda em 1896 e que foi a escolhida na pesquisa, assentou-se no município de Prudentópolis; sabe-se no entanto que algumas famílias dessa e de outras correntes também se instalaram em outros locais, mas na sua grande maioria dentro do Estado do Paraná. As diferenças entre os dois continentes – Europa e América – sugeriam a ideia de que eram dois mundos distintos: clima, língua, alimentação, doenças, vestimentas, vegetação, leis, nada remetia a terra natal. Tudo era novo e desconhecido. Na esperança de mudar seus destinos e escrever uma nova história para suas famílias, muitos ucranianos tiveram suas vidas ceifadas enquanto tentavam alcançar o que consideravam melhor para seus descendentes.

IMIGRAÇÃO UCRÂNIANA E COLONIZAÇÃO EM PRUDENTÓPOLIS (1895-1945)

Talita Seniuk¹

Maria Inêz Antonio Skavronski²

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade investigar de que modo ocorreu o assentamento dos imigrantes ucranianos em Prudentópolis, no Paraná, a partir do conceito de memória, que “é essencial a um grupo porque está atrelada à construção da sua identidade” (PINSKY, 2008, p. 167). Assim, amparamos nossa análise na memória de um imigrante desta cidade que reúne uma das maiores concentrações de representantes desse grupo étnico³ no Brasil. Nesse contexto, os principais objetivos desta pesquisa são analisar como a primeira corrente de imigrantes (da região da Galícia) se estabeleceu na nova terra e compreender os cenários europeu, ucraniano e brasileiro nesse período, a propaganda e as promessas propagadas no exterior. Também faz parte desse estudo verificar o trajeto entre os continentes, a chegada ao Brasil e posteriormente ao Paraná, a inércia das autoridades nacionais em assentá-los, as dificuldades da colonização e a religiosidade nas regiões de colonização, em destaque Prudentópolis. O Brasil, ao adotar uma política de estímulo e acolhida de estrangeiros em suas terras, é visto como o ponto de encontro de todas as nações, já que respeita e assegura a estadia de seus imigrantes. Segundo o Professor Ruy Wachowicz: “A presença em território paranaense de grupos étnicos tão numerosos e das mais diversas procedências deu ao estado uma característica toda especial. Provavelmente o Paraná seja o maior laboratório étnico do Brasil” (WACHOWICZ, 2001, p. 157). Frente a esta informação e a formação do contexto histórico brasileiro, não se pode tratar apenas de uma cultura brasileira mas de culturas, o que justifica a escolha do tema, face a variedade de etnias que contribuíram na constituição do país. Grupos étnicos que somaram esforços para o desenvolvimento, protagonistas da composição do processo histórico nacional.

Referencial teórico-metodológico:

Para a realização de uma pesquisa, segundo o historiador Michel de Certeau em sua obra *A escrita da História*, o primeiro passo consiste na separação das fontes e a escolha dos procedimentos a serem aplicados:

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em produzir tais documentos, pelo simples fato de copiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. Este gesto consiste em

¹ Graduada em Licenciatura em História pela UEPG/UAB (2014). E-mail: tltsnk@yahoo.com.br

² Orientadora. Mestranda no Programa de Pós Graduação em História PPGH pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG.

³ Assim como na cidade de Mallet, conforme informação disponível da Secretaria de Estado do Turismo do Governo do Estado do Paraná, disponível em <<http://www.cidadao.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=77>> Acesso em 12 mar. 2014.

“isolar” um corpo, como se faz em física, e em “desfigurar” as coisas para constituí-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori (CERTEAU, 1982, p. 80).

Para o referido autor, o historiador pode participar de duas realidades, o real conhecido (o passado) e o real buscado enquanto operação científica (pesquisa acadêmica) (1982, p. 45). Dessa forma, faz-se necessário desconstruir e construir os conhecimentos através das fontes disponíveis.

Por esta razão, entendo como história esta prática (uma “disciplina”), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma “produção”. Certamente, em seu uso corrente, o termo história conota, sucessivamente, a ciência e seu objeto – a explicação que se diz e a realidade daquilo que se passou ou se passa. Outros domínios não apresentam a mesma ambiguidade: o francês não confunde numa mesma palavra a física e a natureza. O próprio termo “história” já sugere uma particular proximidade entre a operação científica e a realidade que ela analisa (CERTEAU, 1982, p. 32).

Tendo a história o passado como objeto, o historiador busca preencher as lacunas do presente em seu discurso. Busca reviver o acontecido que até então se encontrava inerte, esperando para ressuscitar nas práticas de um historiógrafo.

[...] Assim, fundada sobre o corte entre um passado, que é seu objeto, e um presente, que é o lugar de sua prática, a história não para de encontrar o presente no seu objeto, e o passado, nas suas práticas. Ela é habitada pela estranheza que procura, e impõe sua lei às regiões longínquas que conquista, acreditando dar-lhes a vida (CERTEAU, 1982, p. 46).

Pela pluralidade de fontes que a história dispõe - documentos, imagens, relatos, etc. - optou-se em utilizar a oralidade como uma das ferramentas de trabalho da pesquisa. Sua importância se percebe nas palavras de Carla Pinsky: “Uma das principais riquezas da História Oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado e decisões estratégicas” (PINSKY, p. 167, 2008).

Outros campos nos quais a História oral pode ser útil são a História do cotidiano (a entrevista de história de vida pode conter descrições bastante fidedignas das ações cotidianas); a História política, entendida não mais como História dos “grandes homens” e “grandes feitos”, e sim como estudo das diferentes formas de articulação de atores e grupos de interesse; o estudo de padrões de socialização e de trajetórias de indivíduos e grupos pertencentes a diferentes camadas sociais, gerações, sexos, profissões, religiões etc; Histórias de comunidades, como as de bairro, as de imigrantes,

as camponesas etc, podendo inclusive auxiliar na investigação de genealogias; História de instituições, tanto públicas como privadas; registro de tradições culturais, aí incluídas as tradições orais, e História da memória (PINSKY, 2008, p. 166).

O entrevistado, Senhor Audio Morski, foi escolhido por ter participado do processo de colonização do município de Prudentópolis sendo neto de imigrante e um dos descendentes ucranianos mais antigos no local onde mora. Sempre foi agricultor, profissão herdada do pai; atualmente tem 70 anos de idade e reside na Linha Pimental, uma das localidades rurais de Prudentópolis. Para ele foram propostas algumas questões e total liberdade para respondê-las. Posteriormente as informações foram analisadas e transcritas. Ao se escolher a história oral como fonte e a entrevista como ferramenta, permitiu-se valorizar o entrevistado enquanto sujeito histórico e personagem ativo da história nesse processo colonizatório.

A entrevista de História oral deve ser compreendida também como documento de cunho biográfico, do mesmo gênero de memórias, autobiografias, diários e outros documentos pessoais. Trata-se, pois, de uma fonte ajustada a um importante paradigma das sociedades ocidentais contemporâneas: a ideia do indivíduo como valor. O indivíduo único e singular, o ser psicológico, dá sentido a uma série de concepções e práticas em nosso mundo, e o pesquisador que opta por trabalhar com a História oral deve ter consciência de que está lidando com uma fonte que reforça esses valores (PINSKY, 2008, p. 169).

Além da entrevista, livros, teses e dissertações compuseram a bibliografia consultada, todos estes relacionados ou correlacionados ao assunto pesquisado com o intuito de fornecer o entendimento necessário e ampliar

Brasil e o processo migratório

A partir do século XIX, com a abolição da escravidão e a necessidade de mão de obra para as fazendas, o Governo Imperial (e posteriormente o Republicano) decidiram incentivar os processos migratórios para nosso país, momento este favorável para o Brasil, já que muitos elementos europeus auxiliaram neste processo de expulsão de seus conterrâneos de suas pátrias. Dentre estes, podemos citar vilarejos com traços de feudalismo, locais de frequente beligerância, problemas religiosos e políticos, Revolução Industrial (trabalho artesanal não conseguindo competir com as fábricas) e fome (por falta de terras para o cultivo e desgaste

natural pelo excesso de plantio contínuo) que afetavam o Velho Continente.

“Agentes” espalhavam pela Europa artigos, livros e comunicados sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Nos países eslavos, tais agentes encontraram campo dos mais propícios para sua atuação, e a propaganda decaía em lamentáveis excessos, que exploravam a credulidade do camponês. [...] A partir de 1895, teve início uma verdadeira debandada de camponeses da Ucrânia para o Brasil, às custas do governo republicano. No decurso de dois anos, mais de cinco mil famílias abandonaram suas aldeias e, na grande maioria, fixaram-se no Paraná; entre 1897 e 1907, mais de mil emigraram às próprias custas. Com a renovação do transporte gratuito em 1907, novas grandes levas de emigrantes dirigiram-se ao Paraná (BORUSZENKO, 1995, p. 08).

Incentivando a imigração europeia, o Brasil pensava, acima de tudo, em alternativas para resolver alguns problemas que poderiam atrasar sua expansão e seu estabelecimento no mercado mundial enquanto buscava afirmar a sua nacionalidade. Esses fatores geopolíticos, como a possibilidade de perder os territórios sulistas para os países vizinhos, mercadológicos, pensando no abastecimento do mercado local, estratégicos ao colonizar os vazios demográficos e a necessidade da criação de um exército para uma futura precaução, bem como tecnológicos, ao permitir que os imigrantes trouxessem conhecimentos e técnicas novas de cultivo, eram evidenciados nesse contexto. A abolição da escravidão também fora um fator decisivo, já que a mão de obra era necessária para os cafezais brasileiros.

No Brasil do século XIX, a política de imigração visava a atrair estrangeiros para povoar e colonizar os vazios demográficos, o que permitiria a posse do território e a produção de riquezas. O imigrante desejado era o agricultor, colono e artesão que aceitasse viver em colônias, e não o aventureiro que vivesse nas cidades (OLIVEIRA, 2002, p. 13).

Além destes elementos, havia também uma preocupação governamental em fazer um branqueamento da população, como se percebe no discurso de Oliveira: “O imigrante além de vir preencher uma demanda de braços para o trabalho, teria o papel de contribuir para o branqueamento da população, ao submergir na cultura brasileira por meio da assimilação” (OLIVEIRA, 2002, p. 10). Como o Brasil era um país essencialmente mono-

cultor e latifundiário em sua estrutura fundiária, a imigração poderia servir para a mudança deste cenário, tornando o Brasil uma nação com pequenas propriedades e de múltiplas culturas.

A propaganda feita no estrangeiro era enorme e o Brasil era mostrado como a terra prometida, local de vida fácil. O governo financiava a passagem (posteriormente paga muitas vezes com o trabalho de abertura de estradas no local da colonização) da vinda das famílias que tivessem interesse e entregava, a preços baixos, uma quantia de terras para o assentamento, bem como, fornecia ferramentas para a colonização. Tudo o que era necessário para colonizar era propiciado.

O governo facilitava

a entrada dos imigrantes, garantindo-lhes o pagamento da viagem de terceira classe em navio, desde o porto de embarque até ao de desembarque; providenciava a sua recepção e manutenção desde a chegada ao porto de desembarque até ao prosseguimento da viagem para as localidades e colônias [...] (BURKO, 1963, p. 45).

Havia até um boato, e muitos emigrantes ingênuos deixavam-se acreditar, que macacos domesticados faziam todas as tarefas nas propriedades, e que não havia necessidade de trabalhar, apenas administrar estes empregados. O incentivo brasileiro durou aproximadamente 10 anos, sendo suspenso e voltando à vigência alguns anos depois.

Durante a suspensão, muitas famílias venderam seus pertences e suas terras (por vezes abaixo do preço) para prover o valor necessário das despesas de viagem por causa de agentes que ainda incentivavam a emigração com promessas duvidosas.

Falando da terra livre, altos salários e até mesmo “ruas pavimentadas com esmeraldas”, encorajaram e seduziram o povo a sair para o Novo Mundo. Na verdade, os incentivos de passagens pagas e concessões terrestres, que foram inicialmente oferecidas aos potenciais imigrantes pelo governo brasileiro, foram suspensas no final de 1895, embora muitos europeus fossem levados para o Brasil pelas ações de agentes duvidosos que continuaram a fazer estas e outras promessas falsas (MORSKI, 2000, p. III, tradução nossa).⁴

Nesse contexto ainda e tendo em vista a possibilidade de uma entrevista contradizer generalizações do passado, ampliando a percepção histórica

4 Telling of free land, high wages and even of “streets paved with emeralds”, they encouraged and enticed the people into leaving for the New World. In the fact the incentives of paid passage and land concessions, which were initially offered to prospective immigrants by the Brazilian government, were suspended in late 1895, although many Europeans were led to Brazil by the actions of duplicitous agents who continued to make these and other false promises (MORSKI, 2000, p. III).

(PINSKY, 2008, p. 166) o descendente de imigrante Audio Morski nos diz que:

[...] alguns dos brasileiros que iam pra Ucrânia diziam: aqui no Brasil, aqui a turma se obriga a plantar feijão, milho; criar vaca, porco e galinha porque diamante e ouro tem, mas aqui não precisa trabalhar, só juntar ouro e diamante e trocar por mantimento e ficar de papo pro ar! Ah, quantos coitados que venderam tudo o que tinham e que “malmente” deu pra pagar a passagem, que não era cara, o que era caro era a pensão do navio e chegando aqui percebiam que a história era bem diferente, daí não tinha dinheiro pra voltar e se obrigava a ficar por aqui (informação verbal)⁵.

Como a viagem durava em média um mês, sem contar o tempo de deslocamento entre os países da Europa até chegar ao porto de Gênova na Itália, o valor investido era alto. Além das despesas de deslocamento terrestre, taxas, alimentação, passagens marítimas, serviços do agente de viagem, havia uma quantia mínima que nos portos eram exigidas que o imigrante portasse para que pudesse emigrar. Esse valor variava conforme o destino na época, porque cada país tinha suas regras. Não só o Brasil atraía imigrantes para seu território, mas Canadá, Estados Unidos da América, Argentina e Sibéria eram locais de alta receptividade.

Ucrânia no século XIX

A Ucrânia encontra-se no leste europeu, sendo o segundo maior país da Europa, faz fronteira terrestre com a Eslováquia, Moldávia, Romênia, Polônia, Hungria, Bielorrússia e Rússia e fronteiras marítimas com o Mar Negro e o Mar de Azov. Sua origem remonta o século IX, com o estabelecimento do Principado de Kiev. Pela sua localização e durante toda sua história, sempre foi um lugar que apresentou conflitos em relação às nações vizinhas que desejavam apoderar-se do seu território. Cabe ressaltar que do fim do século XIX até a Primeira Guerra Mundial, a porção ocidental da Ucrânia pertencia ao então Império Austro-Húngaro, sob o domínio dos judeus e poloneses. A porção oriental, por sua vez, pertencia ao Império Tzarista da Rússia, como se percebe na fala de Haneiko:

O imperialismo russo – primeiro czarista, depois comunista – veio sob o pretexto da “fraternidade dos povos” aniquilar a herança cultural e espiritual da Ucrânia: sua língua, sua tradição, sua religião –

enfim sua originalidade e até mesmo sua identificação nacional, impondo-lhe algo estranho à sua essência (HANEIKO, 1974, p. 7).

Ainda nesta época, falta de empregos, escassez de terras cultiváveis, superpovoamento no campo, foram fatores que fizeram os ucranianos buscarem uma vida nova num local novo. Mesmo que os laços feudais tenham sido abolidos antes do século XIX, na Ucrânia até meados desse período em questão, a servidão era um dos temas que assombravam a população, como se percebe no relato do nosso entrevistado:

[...] eles vieram pro Brasil porque lá já era uma superpopulação né, as terras já eram pequenas, pouca área pra plantar pra muita gente, outra que eles viviam com aquele problema de serem dominados pela Rússia, e esse era o pior de tudo, e o Brasil era grande em extensão, tinha dificuldades, mas era livre. E eles de tanto ser colocado contra a parede pela Rússia, acharam melhor pular no inferno, no desconhecido, como diz aquele ditado antigo, melhor morrer em pé lutando do que viver de joelho (no caso aqui para outra nação) (informação verbal)⁶.

Outro fator que promovia constantes conflitos para os ucranianos provinha do seu próprio solo, um dos mais férteis da Europa, que lhe atribuía nomes como celeiro da Europa e tesouraria do mundo (BURKO, p.17), terra cobiçada pelas nações vizinhas.

Os geógrafos costumam designar o território ucraniano como um dos mais ricos da Europa em vista dos seus recursos agrícolas e minerais. Abrange ele uma área de “tchornozem” – famosas terras negras das mais ricas do continente europeu – e uma outra de vastas extensões de campos, chamados estepes, onde o solo, embora fértil, é menos rico (BURKO, 1963, p. 16).

O embarque

Após entrar em contato com propagandas e agentes de viagens sobre a receptividade e promessas do Brasil, as famílias deixavam ou vendiam seus bens. Era para as cidades de Lviv e Stryi, na Ucrânia, que os emigrantes se direcionavam, local este onde toda a documentação necessária para a viagem era feita.

Para os que escolhiam Lviv, depois dos passaportes serem emitidos e demais formalidades serem cumpridas, o trajeto até o Porto de Gênova

⁵ Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

⁶ Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.



Figura 1: Mapa da rota utilizada pelos emigrantes ucranianos até o Porto de Gênova, na Itália, entre 1891 até 1914.
Fonte: (MORSKI, 2000, p. IV)

era bastante extenso. Passavam pela Polônia, República Tcheca, Áustria, então chegavam à Itália. Para os que escolhiam Stryi, obrigatoriamente passavam pela Eslováquia, Hungria, Croácia, Eslovênia, então à Itália. Estes percursos foram utilizados entre os anos de 1891 a 1914 pelos ucranianos que desejavam emigrar.

Durante a viagem, com falta de ter o que fazer e tempo de sobra, a imaginação ocupava os pensamentos e planos do emigrante, já saturado de sofrimentos e ciente na prosperidade vindoura.

Durante a viagem a sua imaginação ansiava por antever coisas maravilhosas, por vislumbrar no horizonte, que ficava além das águas do Oceano, um mundo resplendente... onde tudo era novo, radiante, fácil... Fugia ele das dificuldades, das perseguições religiosas e políticas, da guerra, da dominação de estrangeiros, da miséria e, algumas vezes, da própria fome. E, navegando, entusiasmava-se de poder, dentro em breve, estar longe de tudo isso (BURKO, p. 51, 1963).

O desembarque

Após várias semanas navegando, a chegada em solo brasileiro era comemorada. Devido às intempéries climáticas, doenças e fome, muitos não

conseguiram terminar a viagem, tendo seus corpos lançados ao mar.

A chegada não se fazia próxima do local do assentamento. Os ucranianos, assim como outros imigrantes, desembarcavam na Ilha das Flores, no Rio de Janeiro. Eram alojados em uma hospedaria, recebiam sua primeira alimentação em terras brasileiras e ali ficavam até que as formalidades do desembarque fossem completadas. Nesse local, não bastasse às dificuldades já transpostas, outras apareciam, como se observa no discurso presente no jornal *Batkivshchyna* que circulava na Ucrânia:

As condições aqui são terríveis. Não há lei e nem ordem e ninguém se atreve a sair para fora ou no seu vizinho durante a noite sem carregar uma arma ou uma faca. Assassinato era comum e os próprios policiais são ladrões. Todo mundo faz a sua própria justiça (BATKIVSHCHYNA, Ucrânia, jul. 1896 apud MORSKI, 2000, p. VI, tradução nossa)⁷.

Depois desse tempo os imigrantes eram encaminhados às zonas de assentamento, ou seja, viajavam de navio até Paranaguá ou de trem para as cidades de Pinheiro, Curitiba ou Prudentópolis. Alguns eram direcionados para o Estado de São Pau-

⁷ The conditions here are terrible. There is no law and order and no one dares to go outside to his neighbour at night without carrying a gun or a knife. Murder is a commonplace and the police themselves are thieves. Everyone make his own justice (MORSKI, 2000, p. VI).

lo, sendo esse transporte custeado pelo governo.

Antes de chegarem à Prudentópolis, os imigrantes ucranianos ficavam alojados em barracas na localidade de Pinheiro, atualmente nas proximidades de Irati. Não se sabe ao certo se o Governo desejava colonizar este lugar nesse momento com os ucranianos, ou se isto foi apenas uma das etapas até as formalidades legais para o assentamento em Prudentópolis serem resolvidas.

Passavam-se dias, meses, até poderem dirigir-se a sua nova terra. A vida nessas instalações era precária, não tinham as mínimas condições de higiene e conforto. Muitos não aguentavam e acabavam morrendo antes mesmo de efetivar sua busca por um pedaço de terra no novo mundo. Como nos aponta Morski: “Ficamos nestas barracas durante três meses completos. As condições eram terríveis. Quantos do nosso povo morreram! E não de cólera, que nós lançamos ao mar com nossos casacos, mas de febre amarela. Havia diariamente entre oito a dez mortes” (HOTZAILUK apud MORSKI, 2000, p. 25, tradução nossa)⁸.

Prudentópolis e sua colonização

Dentre tantos locais para receber os imigrantes, foi em Prudentópolis, na época São João de Capanema, na região Centro-Sul (segundo planalto paranaense) do Estado do Paraná que os ucranianos se concentraram. Para os que desejavam migrar para o Brasil, era o local que mais se assemelhava em relação ao clima europeu.

Passado alguns meses de extrema miserabilidade para os imigrantes em Pinheiro, estes eram remanejados para seu local de permanência efetiva. Chegando, o cenário não era muito diferente do que já tinham vivenciado, conforme se pode perceber na fala do nosso entrevistado: “*Saíram de uma miséria pra ir pra outra. Não tinham o que comer, não tinham onde trabalhar, não tinham ganho. Tinha serviço de derrubar mato, árvore, mas isso era pra quem tinha experiência, eles só sabiam plantar*” (informação verbal)⁹.

Continuaram por meses em barracas, aguardando o governo tomar providências em relação às quais terras seriam divididas, distribuídas e coloni-

zadas. O local ainda não estava pronto para receber os imigrantes, ou para que quando chegassem logo fossem remanejados e já assentados.

Desconhecendo por completo a língua do país, tiveram ainda que enfrentar dificuldades de transporte e escassez de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Vieram quase desprovidos de recursos, com pouca economia, e já ao desembarcar vinham às primeiras provas. Nem o Governo do Brasil, que naquela época era ainda uma nóvel república, achava-se em condições de encaminhá-los a uma vida mais fácil. As revoluções intestinas que marcaram os primeiros anos do novo regime não permitiam que a administração pública desse muita atenção aos problemas menores. A crise financeira que sobreveio com a República, e antes ainda, com a libertação dos escravos, impedia qualquer ajuda mais adequada aos imigrantes que chegavam por essa época [...] A assistência do Governo limitava-se, pois, ao pagamento de transportes marítimos e terrestres até ao destino definitivo, a uma pequena ajuda financeira nos primeiros dias e a distribuição quase gratuita de lotes para aqueles agricultores que se mostravam capazes e dispostos a cultivá-los (BURKO, 1963, p. 52).

Além das dificuldades já sofridas até então, um boato passou a circular na colônia e a alimentar o imaginário dos imigrantes, de que talvez tivessem que voltar para a Ucrânia, o que os deixava esperançosos de fugir de uma realidade tão difícil quanto a que viviam na sua terra natal.

Nós já estávamos aqui durante nove meses e o governo brasileiro não forneceu suporte. Rumores estavam se espalhando que os imigrantes seriam enviados de volta para a Galícia. Alguns dos colonos, acreditando nessas histórias, esperaram que os navios a vapor chegassem e com isso perderam um tempo precioso. Todo mundo sofria de terrível pobreza. Não havia comida, nem dinheiro, nem trabalho. As pessoas comiam pinhões e os miolos das palmeiras. Eles também coletavam cogumelos, pois eram tão comuns aqui como no país de origem, mas por vezes eram venenosos e acabavam morrendo (HOTZAILUK apud MORSKI, 2000, p. 27, tradução nossa)¹⁰.

Em Prudentópolis nessa época, dois nomes merecem destaque no quesito de ajudar os ucranianos. Eram os amigos João Pedro Ditzel e Anto-

9 Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

10 We had now been here for nine months and the brazilian government was no longer providing support. Rumours were spreading that the immigrants would be sent back to Galicia. Some of the settlers, believing the stories, waited for the steamships to arrive and in so doing wasted precious time. Everyone suffered from terrible poverty. There was no food, no money, no work. The people ate pinhoes and the soft centres of palm trees. They also collected mushrooms, many dying from the poisonous ones wich were just as common here as in the old country (MORSKI, 2000, p. 27).

nio Nascimento Buava. Ditzel o maior atacadista de mantimentos e materiais e Buava, que era português, um dos maiores proprietários de terras, possuía 550 alqueires (informação verbal)¹¹.

Buava, percebendo a dificuldade das famílias imigrantes em sobreviver, permitiu que alguns colonos trabalhassem em suas terras, sempre ensinando alguns costumes brasileiros, assim como a língua e como as tarefas deveriam ser executadas. Ainda utilizando-se das palavras do nosso relator, observa-se:

O véio tinha o que comer, ensinava eles a trabalhar no sistema agrícola, e assim foi, ele era velho, mas tinha dinheiro, não era preguiçoso, tinha vontade de trabalhar, então ele pagava quem ajudasse a roçar, e daí plantava milho, feijão, mandioca; criava porco, tinha vaca de leite, pelo menos comida não faltava pra ele (informação verbal)¹².

Com a morte do Sr. Buava, quem assumiu a administração das terras foi seu genro, que não gostava de trabalhar com a terra como o sogro e cultivava tão pouco que não supria nem seu consumo. Como as terras herdadas tinham como limites dois rios, de um lado o Rio São João e do outro o Rio dos Patos, a pesca era uma das formas de se alimentar com fartura, assim como a caça na floresta e o pinhão no inverno. Dessa forma, ferramentas, roupas e alimentos eram comprados a fiado no comércio do Sr. Ditzel. E ao final de três anos fornecendo fiado, o comerciante se viu obrigado a receber o valor da dívida em terras, já que seu cliente não dispunha de dinheiro para pagamento.

Ditzel, que além do comércio e antes desse pagamento já possuía muitas terras, resolveu comentar com o Coronel João Lech, que os brasileiros chamavam de “Leque”, se o mesmo, pela amizade com o governador, não iria até Curitiba e explicaria o problema que os ucranianos estavam enfrentando. Sem terras, sem emprego, seria necessário verificar o que o poder público (Governo do Estado), que até então, nada tinha feito, não comprava essas terras que ele pegou na dívida com o genro do Sr. Buava e dividia e vendia para os imigrantes terem onde morar e plantar, conforme se percebe no discurso do Sr. Audio Morski:

João Pedro Ditzel falou pra ele (o Coronel) ir pra Curitiba e apresentar o problema lá pro Governador

do Estado, pois os colonos não tinham terra, não tem onde plantar, onde trabalhar, não tem emprego pra ganhar algum dinheiro e ninguém faz nada, ninguém se mexe; aí o governo me devolve o mesmo dinheiro que eu paguei pela terra, loteia e vende pra eles, pra eles ter onde morar e trabalhar. Ele foi e apresentou o problema e a proposta pro governador e ele topou de vereda, concordou e mandou indenizar o Ditzel e o engenheiro picar as terras em 55 lotes de 10 alqueires, sendo que deu mais lotes porque também compraram os terrenos de uma tal de Crioula Batista que entrou na soma e daí foi vendido a prestação pros imigrantes, não sei se era 10 ou 20 anos pra pagar, sei que o prazo era cumprido (informação verbal)¹³.

Depois de cumpridas todas as etapas burocráticas para a compra, cada família seguia por sua responsabilidade até sua propriedade. Da cidade até suas terras, muitos obstáculos precisavam ser transpostos. Além da distância, animais selvagens e peçonhentos completavam a jornada; por vezes ataques indígenas ceifavam famílias inteiras, conforme relato do nosso depoente: “Naquele tempo não se tolerava índio, índio era bicho, matou fica por isso mesmo, não tinha valor nenhum. Apareceu, escorava e matava e deixava o corpo pros urubus comer; essa era a ordem, não era que nem hoje”.

Não havia estradas mata adentro, apenas carreiros. Não obstante os perigos da floresta, a má alimentação, o período de adaptação climática e as doenças aniquilavam mais vidas. Segundo Morski: “Eles eram extremamente sensíveis e sucumbiam à doença, especialmente de febre amarela, enquanto outros morreram de fome ou exposição aos elementos. Alguns morreram em confrontos violentos com os índios brasileiros” (MORSKI, 2000, p. VI, tradução nossa)¹⁴. Chegando à terra prometida, os problemas não acabavam. Derrubar a mata nativa e virgem, extremamente densa e robusta tanto para obtenção de madeira para construção de casa ou para permitir o plantio era uma tarefa árdua.

A maioria dos integrantes da primeira leva de imigrantes vinda ao Paraná foi encaminhada às terras não desbravadas no segundo planalto paranaense, onde tiveram que realizar todas as tarefas de áreas pioneiras, a começar pela derrubada das matas para a realização de suas culturas. Assim, os primeiros anos de seu trabalho foram árduos, e só posteriormente o colono arando anualmente alguns alqueires de terra, pôde produzir o bastante para si [...] (BORUSZENKO, 1969, p. 430).

As casas construídas pelos imigrantes, segundo Burko, eram uma combinação esquisita entre um

11 Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

12 Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

13 Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

14 They were extremely susceptible and succumbed to disease, especially yellow fever while others died from starvation or exposure to the elements. Some perished in violent confrontations with the Brazilian Indians [...]” (MORSKI, 2000, p. VI).

humilde lar europeu e uma choupana cabocla brasileira (p. 53, 1963), um misto entre a arquitetura conhecida e os materiais disponíveis para tal empreita.

Não havia auxílio de terceiros, eram os próprios membros da família que se ajudavam, pois o vizinho mais próximo certamente estaria a quilômetros de distância e na mesma situação. Muitas famílias contavam apenas com algumas peças de roupa para cada membro porque enquanto viajavam, os agentes de viagem comentavam que no Brasil não precisariam delas assim como de cobertas e mantas para se aquecer, já que o país tinha clima subtropical. Para cada obstáculo transposto, outra dificuldade aparecia; como podemos observar nas palavras do Sr. Audio Morski:

Aqui [no assentamento] eles enfrentaram outros problemas, que era a miséria deles, eles não tinham recurso, a população que vivia aqui eles também eram pobres e não tinham como ajudar, o sistema de trabalho aqui era totalmente diferente do que eles estavam acostumados lá, enfrentaram toda espécie de dificuldade. Lá as terras eram planas, eram férteis e são até hoje, só plantar, então eles trabalhavam com o arado, tração animal, não tinha essa história de ter que derrubar mata como aqui encontraram, mata virgem, peroba, pinheiro e monjoleiro, árvores que falam que são centenárias, mas na verdade eram milenar, tudo às custas de machado, pra poder derrubar alguma mata e poder plantar algum milho, feijão, semear trigo e esse não é qualquer lugar que produz, tinha que ser daí com enxada, porque não tinha arado e se tivesse nem entrava no meio do mato (informação verbal)¹⁵.

Não havia locais próximos para compra de alimentos ou ferramentas. Caso algum incidente acontecesse, morrer era uma constante. Não havia vizinhos, nem igrejas, nem hospitais; estavam à mercê da sorte. Qualquer espécie de socorro estava à quilômetros de distância. Em 1897, a quantidade de mortos ultrapassava 3.000 (MORSKI, 2000, p. VI) e constantemente se ouvia dizer que havia mais imigrantes no cemitério do que vivos. O que mais matava eram as doenças, os animais selvagens ou peçonhentos e conflitos com indígenas. Não se aconselhava sair sozinho na floresta, e de forma alguma sair à noite. Desbravar em grupos era uma estratégia que ajudava.

Depois da moradia, que era uma das prioridades, os imigrantes passaram a cultivar ainda que em pequenas proporções feijão, arroz, milho, mandioca, batata, trigo, centeio e o linho, produtos para

subsistência. Alguns poucos conseguiam criar galinhas, porcos e vacas também, mas estes eram bens mais escassos no início do assentamento.

Passados alguns anos os colonos, percebendo o mercado da época, complementaram suas rendas com a extração e beneficiamento da erva mate. Na tentativa de conseguir um dinheiro extra, passaram também a vender os produtos excedentes de suas áreas cultivadas, realizando viagens para isso:

Passaram também a tomar parte no transporte dos produtos agrícolas e mercadorias diversas, feito na primeira metade deste século em grandes carroções cobertos, puxados por 8 a 12 cavalos, percorrendo nas viagens que duravam várias semanas, distâncias enormes [...] (BORUSZENKO, 1969, p. 430).

Não fora uma empreitada fácil até se alcançar um mínimo de conforto que atendesse as necessidades básicas dos colonos e os tirasse da linha entre o insuportável e o suportável nos assentamentos. As dificuldades tiraram o sono, o suor e o sangue de muitos imigrantes nessa jornada, como afirma nosso entrevistado:

Foi sofrido, porque chegaram aqui e não era nada como o prometido, passaram fome, necessidade, porque não tinha recurso, não tiveram um começo, começaram do zero mesmo; porque a pessoa quando tem um começo, tem ferramenta, tem terra, tem semente, tem casa pra morar, aí só vai, mas eles não tinham nada, tinham só terra, ganharam as ferramentas do governo, mas não tinha semente, não tinha criação, não tinha o que comer. Se quisesse casa, tinha que derrubar a árvore, fazer tábua, não tinha serraria, ou era madeira lascada ou com serra manual no meio do mato mesmo (informação verbal)¹⁶.

A Religiosidade

A religiosidade foi um elemento fundamental de sobrevivência da etnia ucraniana em Prudentópolis. Fundamental porque foi a diferença entre o insuportável e o tolerável, ao servir de conforto e motivação para os assentados. A religião estava presente em todo o momento, ajudando a manter os laços étnicos com a terra mãe. A língua e os costumes se mantiveram através dela e a devoção contribuiu para que muitos não abandonassem o Brasil e voltassem para a Ucrânia devido às mesmas dificuldades extremas encontradas lá. Ela contribuiu para manter as identidades de seus representantes, mesmo nos anos de ausência sacerdotal

15 Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

16 Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

como se percebe na fala de Boruszenko: “Nos primeiros tempos da imigração viram-se os imigrantes privados de toda assistência religiosa, por falta de sacerdotes, mesmo brasileiros, com os quais não podiam entender-se por não conhecerem a língua” (BORUSZENKO, 1969, p. 431).

Datas como Páscoa e Natal, assim como os dias santos, passaram sem visita a igreja e participação em celebrações. Mas no calor familiar eram comemoradas, na medida do possível, de maneira mais próxima de como eram na Europa. Segundo Morski: “Não havia nenhuma igreja aqui quando chegamos. Dias Santos, como Natal e Páscoa eram celebrados em casa. Lembro-me que o Pai abençoou a paska¹⁷ com água benta e recitou “Pai Nosso”. Foi assim que comemoramos” (PACEVIEZ apud MOR-SKI, 2000, p. 12, tradução nossa)¹⁸.

Em 1897, fruto da união dos imigrantes, uma igreja começa a ser construída. Desde as madeiras até a mão de obra eram doadas pelos imigrantes; homens, mulheres e crianças compunham a força de trabalho, cada um a seu modo. Foram anos de luta, até em 1900 a terminarem por completo (MORSKI, 2000, p. 12).

O conforto espiritual que a religião propiciava ajudou os imigrantes a não desistirem. Além da língua comum e da terra natal, era na igreja que todos se igualavam e aliviavam suas dores. Frequentar uma igreja era o meio mais próximo de uma vida social ucraniana no Brasil, já que nada mais se assemelhava ou organizava-se como na Europa.

Considerações finais

Esta pesquisa desenvolveu algumas reflexões acerca da imigração ucraniana e de como ocorreu à colonização do município de Prudentópolis por esta etnia, segundo relatos orais e fontes pesquisadas. Muitas informações citadas neste trabalho sobre o processo colonizatório desse local são particularidades específicas dessa região, não podendo ser encontrados em outros lugares, ainda que estes tenham sido também colonizados com imigrantes ucranianos.

Foram expostos alguns elementos que com-

puseram esse processo, como os motivos do expatriamento, as dificuldades do trajeto, a dura realidade no Brasil, os inúmeros obstáculos que precisavam ser transpostos e que em alguns casos, levaram anos para serem vencidos; todos, fatores muito presentes no cotidiano do imigrante.

De fato, os primeiros imigrantes que aportaram no Brasil tiveram que superar dificuldades iniciais bem ásperas. Sem auxílios técnicos necessários, foram muitas vezes, designados, quais novos bandeirantes, para desbravar regiões incultas; “sem ferramentas para o trabalho, sem sequer facões para abrir picadas” [...] (BURKO, 1963, p. 52).

Percebeu-se que a vida do colono durante muitos anos foi posta a prova, testando a coragem e perseverança dos mesmos diante da realidade amarga. Apesar das provações e com o passar do tempo, descobriram que com muito trabalho, conquistavam aos poucos a tão buscada prosperidade de que sonhavam. Muitos já não desejavam voltar à Ucrânia, mas terminar suas vidas na terra em que lhes acolheu, acolhida essa sem muitas regalias, mas que forneceu um pedaço de terra e liberdade, dois elementos em falta na terra natal no momento do embarque; como se observa no relato do Sr. Audio Morski:

Eles viviam cada vez melhor, porque daí eles iam aprendendo e aumentando a plantação, a criação. Deu pra viver melhor que na Ucrânia, chegou um tempo depois que eles falavam de nem voltar mais pra lá, mas no começo eles sofreram, pagaram até os pecados que nem tinham. E daí depois lá na Rússia, na Primeira Guerra nem tanto, mas na Segunda Guerra que foi mais feia a coisa lá que morreu muita gente, eles agradeciam a Deus por ter tirado eles de lá, que no começo da colonização achavam que tinha ido pro inferno, mas depois das guerras na Europa entendiam que tinham na verdade saído do inferno (informação verbal)¹⁹.

Os imigrantes ucranianos, assim como seus descendentes, somaram esforços para sobreviverem e prosperarem com suas comunidades. O município de Prudentópolis contou com essa força de trabalho onde cada imigrante contribuiu com “o seu quinhão para o desenvolvimento do Brasil” (BURKO, 1963, p. 53).

A presença do imigrante ucraniano e de seus descendentes com suas práticas econômicas, polí-

17 Pão produzido na véspera da Páscoa, que é abençoado pelo Padre no sábado de Aleluia, para ser consumido no domingo de Páscoa (MORSKI, 2000, p. 77).

18 There was no church here when we arrived. Holy days like Christmas and Easter were celebrated at home. I remember Father blessed the paska with holy water and we recited “Our Father”. This was how we celebrated” (MORSKI, 2000, p. 12).

19 Entrevista concedida à autora, em 25 de janeiro de 2014.

ticas e culturais, refletem até os dias de hoje, pois enquanto estes “novos brasileiros” se estabeleciam e se desenvolviam, o país acompanhava-lhes crescendo junto, seja economicamente ou socialmente.

No céu, o Cruzeiro do Sul a simbolizar o espírito cristão da nova pátria e que vinha de encontro às suas convicções trazidas do velho continente. Com as mãos calejadas abriram estradas e foram transformando os sertões em núcleos que até hoje se desenvolvem, contribuindo para a grandeza do país (BURKO, 1963, p. 54).

Infelizmente, muitos dos ucranianos envolvidos no processo de colonização não viram seus objetivos serem alcançados, devido a péssimas circunstâncias e mortes prematuras, mas certamente “se eles pudessem voltar por um dia só para ver que nada foi em vão” (MORSKI, 2000, p. VIII, tradução nossa) constatariam que seus esforços, sacrifícios e sofrimentos não foram inúteis e teriam orgulho ao saber que colaboraram para o desenvolvimento de sua segunda pátria.

Referências:

Livros:

- ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias**; um estudo da imigração ucraniana. 1º Edição. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1996.
- BORUSZENKO, Oksana. A imigração ucraniana no Paraná. In: Colonização e Migração. **Anais do IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História**. Eurípedes Simões de Paula org. São Paulo, 1969, p. 423-439.
- _____. **Os ucranianos**. 2. Edição. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, vol.22, n.108. Curitiba: out, 1995.
- BURKO, Valdomiro N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2º Edição. Curitiba: [s. n.], 1963.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- HANEIKO, Valdemiro. **Em defesa de uma cultura**. 1º Edição. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974.
- HORBATIUK, Paulo. **Imigração Ucraniana no Paraná**. 1º Edição. Mallet: Uniporto, 1989.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente**: ensaio sobre fenômenos de aculturação no Paraná. 2º Edição. São Paulo: T. A. Queiroz, 1989.
- MORSKI, Jeffrey Picknicki. **Under the Southern Cross**. A collection of accounts and reminiscences about ukrainian immigration in Brazil, 1891-1914. Tradução de Talita Seniuk. 1º Edição. Canadá: Watson Dwyer Editora, 2000.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **O Brasil dos Imigrantes**. 2º Edição. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores de Livros, 2002.
- PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas**. 2º Edição. São Paulo: Contexto, 2008.
- WACHOWICZ, Ruy. **História do Paraná**. 9º Edição. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

Teses e dissertações:

- CAMPIGOTO, José Adilçom; SCHORNER, Ancelmo; NOVAK, Joceli. Festas e ritos, memória e diversidade cultural. 2012. Artigo. **Canadian Journal of Latin American and Caribbean Studies**. Disponível em: <<http://www.questia.com/read/IGI-323658501/festas-e-ritos-memoria-e-diversidade-cultural>>. Acesso em: 01 mar. 2014.
- GARCIA, Neiva Mara Zanin. **Estudo linguístico-etnográfico em comunidade paranaense de imigrantes ucranianos**: do passado ao presente. 2008, 137f. Dissertação (Pós-Graduação em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000145180>>. Acesso em: 01 mar. 2014.
- GARIN, Leonardo Podolan. **Imigração ucraniana em Curitiba**. 2010, 72f. Dissertação (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/cienciassociais/files/2012/06/GARIN-Leonardo-PodolanoI.pdf>>. Acesso em: 01 mar. 2014.
- RAMOS, Odinei Fabiano. **Experiências da colonização eslava no centro-sul do Paraná** (Pruidentópolis 1895-1995). 2012, 219f. Tese (Pós-Gra-

duação Ciências Humanas e Sociais) - Universidade Estadual Paulista, Franca, 2012. Disponível em: <http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/params/title/ucranianos-poloneses-brasileiros-fronteiras-etnicas-identitarias-em-prudentopolis-pr/id/20292795.html>. Acesso em: 01 mar. 2014.

TENCHENA, Sandra Mara. **Memória de mulheres ucranianas**: recriação de tradições em Prudentópolis – Paraná. 2010, 127f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.dominionpublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=194969>. Acesso em 01 mar. 2014.

Entrevista:

Audio Morski. Entrevista concedida a Talita Seniuk. Ponta Grossa, 25 de janeiro de 2014. Acervo da pesquisadora.